



NOS TEMPOS DE RECIFE: LEMBRANÇAS DE UM TEMPO NÃO VIVENCIADO

Juliana da Costa Ramos¹

Renata P. Silva Moraes²

RESUMO

Neste trabalho pretendemos discutir como as modificações urbanísticas ocorridas no início do século XX foram percebidas pela sociedade recifense da época e como essas mudanças se refletiram na construção narrativa e na constituição de uma identidade saudosista peculiarmente recifense. Para isso buscamos na literatura histórica produções que abordem a afetividade e as relações sociais, para tentarmos compreender como esses elementos constituíram parte importante de narrativas da época e como a partir dessa construção narrativa nós podemos perceber os modos de vida, identidade e a distribuição social no centro do Recife no início do século XX. Como metodologia, pretendemos utilizar fontes como jornais da época, fotografias e algumas produções artísticas intelectuais na tentativa de perceber a dinâmica dessa cidade, que se transformou. Entretanto pretendemos refletir não somente sobre as modificações espaciais, mas as relações sociais e como essa configuração coletiva constrói uma percepção de sujeito histórico produtor, receptor, consumidor de histórias e memórias. É em busca dessa peculiaridade cidadina que nos projetamos a pensar o Recife do início do século passado e a maneira com que esse saudosismo é arraigado a esse pensamento de um tempo nem sempre é vivenciado.

Palavras-chave: Modernização, Saudosismo, Recife.

ABSTRACT

This work pretends to discuss how the urban modifications were perceived by society in Recife of the early 20th century and how these changes were reflected in the construction of a narrative and peculiar nostalgic identity to its residents. Searching in the historical literature productions about the affective and social relations, it tries to understand how these elements constitute an important part of narratives which we can percept in their ways of life, identity and the social distribution in the beginning of 20th century Recife's downtown. With the methodology, we seek use sources like newspapers, some photographs, artistic and intellectual productions trying to understand the dynamics of this city, which became. However, we want to reflect not only the spacial changes, but also the social relations and how this collective configuration builds a perception of historical subject producer, receiver, consumer of stories and memories.

Key Words: modernization, nostalgia, Recife

¹ Estudante de Graduação do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.
E-mail: ju.ramos@live.com.

² Estudante de Graduação do curso de História da Universidade Federal de Pernambuco.
E-mail: renatapsmoraes@gmail.com.



Recife civiliza-se [...] diz-se hoje, pela agitação crescente da vida, pelo bulício alarmante das ruas, pelo perigo do automóvel, pela licenciosidade das modas, pelo americanismo dos costumes e pelo afã de fortunas rápidas, elétricas... Recife já não é aquela Recife dos combustores de gás carbônico, dos bondezinhos movimentados por muares [...] Recife tem hoje o aspecto de quem andou a tomar banhos de civilização.³

Parece-nos, ao lermos os relatos desse início do século XX em Recife, que havia um sentimento de êxtase coletivo: as grandes inovações tecnológicas que chegavam ao Brasil desde o final do século anterior – tendo a luz elétrica como um bom exemplo, com sua ideia de charme, segurança e conforto a se tornar mais presentes no imaginário da cidade, a cada vez maior variedade de produtos e idéias que circulavam pelas ruas. Dizia-se pelos jornais das capitais mais ao sul (Rio de Janeiro e São Paulo) que era necessário mudar, tanto política quanto culturalmente. O cotidiano no centro da cidade com seus automóveis, bondes, novas formas de se relacionar e trabalhar – estava cada vez mais rápido, mais agitado, mais “europeu”.

De fato, o contexto dos projetos de governo nacionais parecia estar de acordo com isso: é na primeira década desse século que se vê a cidade como um organismo, que deve funcionar com ordem, higiene, devendo possibilitar conforto e bem-estar (incluindo as opções de lazer) para seus residentes e transeuntes. Mostrava-se urgente uma nova prática de administração dos centros urbanos, implicando também a execução de projetos de urbanização, saneamento e expansão desses centros, tornando-os mais belos e agradáveis; enfim, sendo fruto e estimulando o progresso tecnológico e civilizador/civilizatório que se tinha em mente.

Tais mudanças urbanas estão intimamente relacionadas com o que viria a ocorrer no ambiente doméstico; é possível perceber pelos projetos urbanísticos da época uma crescente visão de que o bem-estar privado está ligado ao público, devendo ser pensado pelos órgãos governamentais responsáveis, e que este é resultante de uma junção entre o progresso e a modernidade. Relaciona-se também com as tendências ainda mais evidentes de exclusão e segregação social da nova organização dos bairros e ruas. Um bom exemplo pode ser encontrado nas opiniões sobre os mocambos – construções populares presentes em áreas como Torre, Santo Amaro, Oiteiro (freguesia do Poço da Panela) e Ilha do Leite, vistos sob essa ótica de ímpeto modernizador como ícones da miséria e atraso, responsabilizados pelas

³ Jornal *A Pihéria*, 17/04/1926, nº 238. (Apud Couceiro, 2003: Pág 44)



péssimas condições de vida e higiene que proporcionavam ao Recife. Assim como a habitação, seus residentes também não eram agradáveis para esse novo projeto: o mocambo era sinônimo de:

[...] vadiagem e indisciplina que abrigavam, pela concentração de atividades perigosas, tumultos, greves, crimes, brigas que propiciavam, pelas facilidades sexuais que toleravam, o bar, a rua, o prostíbulo, etc, mas também por serem ‘arraial de pretos’ e constantemente evocarem a fisionomia primitiva das cidades africanas.⁴

É nesse contexto que se localizam as práticas de urbanização da época, objetivando uma mudança intensa do modo de se viver na cidade. As principais capitais brasileiras estavam inseridas em um retrato de atraso quando comparadas ao de modernidade das cidades européias tidas como exemplo (especialmente Inglaterra e França). A inserção intensa do Brasil em um contexto de produção e comércio voltados ao mercado externo age em conjunto com as demais razões supracitadas promovendo um “casamento” desses centros brasileiros com os modelos europeus. Essas mudanças buscavam proporcionar uma reestruturação do ordenamento espacial e da paisagem urbana, melhorando as vias de circulação de produtos e pessoas pelos novos trajetos, tendo em sua paisagem as vilas operárias, prédios, órgãos de administração do governo, praças, ruas e avenidas inspirando confiança no futuro próspero que estava destinado.

Pensando essas alterações tão fortes na estrutura dessa área central do Recife, podemos nos indagar sobre o que as pessoas que passavam por essas ruas sentiam e pensavam. Esse novo dinamismo - não raramente misturando fascínio, medo, confiança e saudade – também se reflete nesse novo modo de ver o seu cotidiano, o mundo e a si mesmo, suas afeições e relações para com os outros. Era notável que outros tempos haviam chegado, mas também se sentia algo que não deixava aqueles que passavam pelas antigas ruas esquecer uma memória de tempos passados e gloriosos, uma saudade de um tempo que por eles nem sempre fora vivenciado.

O SAUDOSISMO EM PROJETO

Diante dos embates entre as ditas idéias modernistas e regionalistas, especialmente nos jornais, livros e discussões em circulação pela cidade, nota-se uma concordância entre os dois

⁴ MARIANO – Apud COUCEIRO (.2003: Pág 57)

grupos: era preciso repensar esse brasileiro, essa essência nordestina, o modo de viver do pernambucano. Entre vários outros expoentes do movimento regionalista no estado, encontramos Gilberto Freyre como um dos maiores ícones a nível nacional. É notável a sua oposição aos “possíveis excessos da modernidade”, expressava forte preocupação diante de uma perda do que seria essa essência do ser e viver no Nordeste através de seus vários trabalhos. Juntamente com José Lins do Rego, Aníbal Fernandes, Mário Sette, Moraes Coutinho, entre vários outros, suas idéias acabaram por colaborar em um imaginário que lamentava o desgaste do patrimônio artístico português na região, alertando para a perda de costumes tradicionais e que, sem eles, a sociedade perderia sua identidade e seu rumo. Apelava-se então à memória dos personagens e situações presentes nessa antiga cidade, nesse Recife Velho.

Em concordância com manifestações nacionalistas encontradas em outras cidades e publicações do país, podemos pensar as relações entre as produções artísticas, literárias e intelectuais e o contexto no qual Pernambuco se encontrava segundo Neroaldo Azêvedo, quando aponta outra inspiração para o Regionalismo, mais relacionada com a realidade local:

A recessão da vida econômica em Pernambuco compunha bem a moldura para o quadro de defesa para os valores regionais, quer numa atitude de autocomiseração, quer numa atitude reivindicatória, tendentes ambas a ver no passado da região, marcado pela prevalência dos valores da vida rural em oposição à vida urbana, o ideal que desaparecia e que urgia restaurar.⁵

Tal consciência não é nova, mas torna-se ainda mais pungente nesse início de século XX. Olhar esse passado canavieiro com olhos saudosistas, projetando-se uma época idílica cujas memórias estão para se perder era algo compartilhado nas linhas de jornais e revistas por esses intelectuais para o restante da população letrada. É interessante notar que, ainda segundo Azêvedo, essas pessoas que na época conseguiam fazer ouvir suas vozes eram muitas vezes remanescentes das antigas elites canavieiras da região, compreendendo-se que era agradável a manutenção de certos valores inspirados nessa antiga cidade projetada por aqueles que não a viveram, mas que se tornaram herdeiros por sua lembrança construída. Tal visão se reflete nas críticas sobre o contexto urbano e cultural vividos na época abordada.

Poderíamos citar longamente os embates entre as publicações de cunho regionalista e modernista, porém o que nos vêm a chamar maior atenção no momento é sobre as notícias que circulavam pelas ruas, pensando nas leituras que vieram a ter pela população e como as idéias presentes nela foram sendo compartilhadas. Dentro do que é possível observar, não

⁵ AZÊVEDO, Neroaldo P. de. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*, página 99.

queremos afirmar que as idéias modernistas tiveram exclusividade na divulgação de um sentimento de saudosismo para com esse passado projetado, mas sim que tal projeto é alimentado coletivamente na cidade e de que há grande importância das representações sobre a sociedade e seus valores por parte dos intelectuais (pensando tal conceito em seu mais amplo significado) em geral.

LENDO O RECIFE

Como já foi comentado, existia grande diversidade na circulação de instrumentos de comunicação impressa. Usando como exemplo o exercício da leitura dos jornais e revistas, apesar de seus conteúdos serem de escrita realizada por um grupo privilegiado, sua análise é válida no que tange as relações que aqueles que se apresentam no centro da cidade vão ter para com esse território⁶. Além disso, existe entre o autor e aquele que lê suas idéias nos jornais uma relação de intimidade ao verem-se como elementos de uma comunicação dos acontecimentos experimentados conjuntamente quer seja diretamente quer pela interpretação e transcrição dos mesmos.

É nesse espaço que se darão as denúncias e reclamações acerca da distância desse projeto urbano proposto na reestruturação do centro e a “sanidade” das relações e comportamentos encontrados nas ruas:

Vielas e becos infectos:

No bairro do Recife ainda continuam vielas e becos como a da Moeda, Forte do Mattos e Amorim [...]. Naquelas, ao lado de edificações seculares, ameaçando ruínas, verdadeiros pardieiros, há a registrar a extrema falta de limpeza na via pública: lixo, animais mortos, detritos de cozinhas, amontoam-se a cada paço, constituindo sério perigo à saúde. Cremos nos esforços dos srs. Prefeito da Capital e diretor do Departamento de Saúde e Assistência, para [...] alguma melhoria àquele estado de coisas.⁷

Observa-se nos periódicos dos últimos anos da década de 1910 o forte caráter modernizador que será notado nas décadas seguintes, e a partir de 1920, vê-se que o movimento de urbanização e modernização urbana é frequentemente relatados nas colunas, sendo os próprios jornais também de uso do governo para “maquiar” a cidade com moldes

⁶ Como Sylvia Couceiro afirma, a construção de significados diante desse território se dá através de um processo de significação e percepção, estando esses sujeitos e grupos a transformá-lo e carregá-lo de subjetivações.

⁷ Jornal do Commercio, 04/05/1924. Apud Couceiro, 2003: Pág 34

agradáveis e turísticos. As novidades em equipamentos modernos e elétricos para o lar⁸, os novos filmes e atrações de lazer, o que vinha acontecendo nos bondes e trens eram transmitidos pelas ruas através das folhas impressas do *A Pilhéria*, *Jornal do Commercio*, *Olinda*, *Almanach de Pernambuco*, *Diário de Pernambuco*, *Diário da Manhã*, *Revista da Cidade*, entre outros.

Dentre estes, o *A Pilhéria* acaba por se tornar interessante no que trata do sucesso de circulação e de sua proximidade com seus leitores, que segundo Hugo A. V. Medeiros, publicavam suas cartas, poesias e opiniões. Lá também estão registrados os hábitos novos vistos pelas ruas, como o *footing* e o *flirt* (que, como o nome sugere, tratam-se respectivamente do passear pelas ruas – porém como algo mais para um “desfile-caminhada” – e para realizarem-se paqueras com normas de comportamento próprias e cujas práticas podiam acontecer simultaneamente).

É possível encontrar também os registros daqueles que se entristecem com os rumos que a cidade estava tomando diante de tanta pressa, tanta aceleração. Existe uma saudade lúdica por parte de alguns colaboradores desses jornais e revistas, concordando com os mais tradicionalistas, por exemplo, de que quem gostava mesmo dessa modernidade eram as “melindrosas” e os “almofadinhas”, a passearem pela Rua da Aurora a trocarem olhares⁹. Esse desejo de uma volta no tempo, ainda que breve, também se tornou presente em suas folhas:

Que vontade infernal de correr, para trás. [...]
Ah! ... Como, hoje, está tudo anarquizado!

[...] A civilização deu pancadas na gente!
Deixou-nos com a indolência indiana do sorvete... [...]

Ah! Se eu pudesse, dava o retrocesso
No fuzuê portátil do progresso,
Sempre a andar, por toda a parte,
Como um louco genial, inédito e... Possesso
Que, com arte, destrói tudo que possui arte.

Vivo de recordar o tempo... aquela idade
Em que, decerto, eu era um garrafão
Cheio de moniopina (sic) da Felicidade,
Sem nunca me lembrar de que, esgotando-o em vão,
Eu seria, afinal, um ruim mata-borrão
De alegria, de dor, de tédio e de saudade...¹⁰

⁸ É interessante observar-se também através dos anúncios a crescente relação entre mercadoria e diversão, assim como a modificação dos padrões de consumo e a crescente indústria publicitária.

⁹ MEDEIROS, Hugo A. V. *Amores de Ontem, Amores de Outrora*. 2010. Pág: 43

¹⁰ SANT'AGO, J. Apud MEDEIROS, 2010: Pág 46



Esse saudosismo cidadão tem uma justificativa: a cidade é fruto de uma projeção realizada por aqueles que a vivenciam, esses projetos de cidade que coexistem ao campo geográfico da própria cidade e se materializam no imaginário e no cotidiano de forma surrealmente concreta. Entretanto ainda experimenta, por sua multipl*C*IDADE, uma fluidez que a coloca num campo inapreensível. Segundo Argan (Apud – Brescianni) “cidade, (é) produto do homem por excelência, fugindo ao seu controle, espaço agigantado cujas dimensões escapam a compreensão humana.¹¹”

Projeções da cidade imaginada: o Recife Velho anos depois

Menino naquele tempo, tempo antigo [...] Recife era um pires: fora do pires era mangue, água salgada, sabe como é? Olha quando D. Pedro II veio com a imperatriz inaugurar a rua da imperatriz, a rua da imperatriz foi toda aterrada com lixo... Lixo! Foi aterrada para fazer a rua [...] muita coisa foi aterrada. Aí quando vinha a força da lua [...] que a maré era alta [...] As ruas ficavam cheia d'água rapaz!¹²

(Fala de seu Antônio¹³ extraída do livro: sob a luz do projetor imaginário – Eduardo Duarte)

Apesar de seu Antônio não ter vivido a experiência por ele relatada, podemos perceber que na sua narrativa o senhor reconstrói o evento como se estivesse presenciado tal fato, por essa ótica podemos perceber que algumas de nossas lembranças sobre a cidade são momentos de bricolagem entre nossas memórias e situações externas que de alguma maneira são retomadas pela nossa consciência sob a forma de insight.

Não obstante o discurso da cidade caótica sempre se manteve presente nas discussões que abordam o estudo das cidades, é como se aquele espaço circunscrito geograficamente permanecesse num eterno conflito entre a cidade ideal e a cidade real e ambas representações disputam o imaginário daqueles que pensam a cidade. Esse conflito ocorre desde o século XIX como atesta Brescianni, e é fruto do desenvolvimento da própria cidade, essa cidade fabril, que se moderniza e produz suas angústias e sabores.

Entretanto de onde vem à figura dessa cidade bucólica; ou o que transforma essa urbe acolhedora na urbe opressora e de que maneira a modernização faz parte, ou facilita essa transformação? Na verdade o que vamos verificar é que essa cidade ideal nunca existiu, ela faz parte de uma projeção de experiências que idealiza um passado, nem sempre tão glorioso.

¹¹ BRESCIANNI, Maria Stella. Cidade Objeto de Estudo e Experiência Vivenciada. In-Revista Estudos Urbanos e Regionais. V 6, nº 2. Novembro, 2004. Pág: 9.

¹² DUARTE, Eduardo. Sob a Luz do Projetor Imaginário, 2º Ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. Pág,27.

¹³ Na pesquisa de Eduardo Duarte, o seu Antônio participa com depoimentos e entrevistas onde o mesmo relata algumas experiências de sua juventude no início do século XX.



Além do mais a crítica a cidade só é possível por conta do desenvolvimento do capitalismo e do advento da modernidade, por conseguinte. “Se a cidade não tivesse se tornado a megalópole industrial, as filosofias da angústia existencial e da alienação teriam bem pouco sentido.”¹⁴”

Podemos constatar desta maneira que a cidade projeta seus instrumentos de opressão e é ambigualmente o carrasco e o denunciante. Outro movimento comum à cidade diz respeito às práticas de reordenamento urbano que ocorrem, pelo menos no Recife, nos anos iniciais do século XX. Um movimento de remodelação dos centros que deveriam captar a nova aura modernizante e liberal da nação que almejava o desenvolvimento econômico. Verificamos diversas modificações urbanísticas nos centros urbanos e uma camada popular que era repelida a zonas marginais da cidade. Ainda hoje na construção historiográfica é bem mais comum se atestar a realidade dos centros, mas pouco se percebe o ponto de vista daqueles marginais que se encontram nas periferias das grandes transformações urbanísticas.

As desapropriações foram deslocando as moradias do centro da cidade cada vez mais para os subúrbios, juntando-se aos milhares de mucambos que já apareciam no cenário da cidade. Esse era mais um dos problemas na contra-mão da chamada modernização.¹⁵

Vemos de maneira cada vez mais pungente a configuração de uma geografia da exclusão, aos poucos a cidade se transforma numa cidade tentacular onde o núcleo irradia suas impressões para periferia e vice-versa, entretanto devemos deixar claro os locais que cidade e periferia ocupam nessa hierarquia urbana.

A cidade dos desejos em conflito, onde a ânsia de ser moderno era o catalizador das reformas, pegou desprevenido a muitos que tiveram de redefinir seus laços com o espaço, não sem antes manifestarem sua indignação com os governantes. Mas esse é o preço da modernização sem a vivência da modernidade.

(Rezende – Apud – Duarte, 2009)

A cidade nasce como produto da evolução técnica que condiciona o homem, sob uma lógica inversa; pois o mesmo homem que projeta a modernidade torna-se submisso a técnica objeto opressor que legitima o projeto modernizador tornando as relações cada vez mais vazias, o homem transforma-se em seu próprio carrasco no sentido que produz e reproduz os instrumentos que lhe oprimem. São diversas as formas de opressão simbólica que criam e

¹⁴ BRECIANNI, 2003:10.

¹⁵ DUARTE, 2009:34.



estabelecem o lugar do outro “A cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão [...]”¹⁶”

A cidade Maurília, de Marco Polo onde os velhos cartões postais nos parecem muito próximos não nos pertence, exceto em nossas projeções sob tempos não vivenciados, entretanto assim como a Maurília e outras cidade invisíveis descritas por Calvino ainda buscamos incessantemente essa nossa identidade fugidia, quem sabe um dia nós a conseguimos apreender numa projeção cidadina.

“Uma cidade contém todas as outras, dependendo da direção dos nossos olhares.”¹⁷”

REFERÊNCIA

AZÊVEDO, Neroaldo P. de. Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BARBUY, Heloisa. A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BRESCIANNI, Maria Stella. Cidade Objeto de Estudo e Experiência Vivenciada. In - Revista Estudos Urbanos e Regionais. V 6, nº 2. Novembro, 2004.

COUCEIRO, Sylvia C. Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História. Recife, 2003.

DUARTE, Eduardo. Sob a Luz do Projetor Imaginário, 2º Ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MEDEIROS, Hugo A. V. Amores de ontem, amores de outrora: emoção e gênero no Recife dos anos 1920 e 1930. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Programa de Pós-Graduação em História. Recife, 2010.

RESENDE, Antônio Paulo. Cidade e Modernidade: Registros Históricos de Amor e Solidão no Recife dos anos 1930. IN - MONTENEGRO, Antônio Torres... Et Al. História: cultura e sentimento: outras histórias do Brasil. Co-edição – Recife: ed. Universitária da UFPE; Cuiabá; Ed. Da UFMT, 2008.

TEIXEIRA, Fábio W. Intelectuais e Modernidade no Recife dos Anos 20. Acessado através de www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum01_art08_teixeira.pdf,

¹⁶ Resende, 2008:50.

¹⁷ Calvino – Apud Resende, 2008:47.



08/11/2011, 16:35.

----- **A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)**, Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, Rio de Janeiro, 2001.